

Fragilidade: o deslocamento social por meio de narrativas estabilizadas.

Fragility: the social dislocation through stabilized narratives.

Fabiana Wentz¹
Lovani Volmer²
Rosemari Lorenz Martins³

RESUMO: Este artigo analisa o conto “Fragilidade”, de Jane Tutikian, a fim de compreender de que forma as narrativas estabilizadas nesse texto contribuem para o deslocamento social das personagens. Buscam-se relações entre memória, identidade e imaginário e o passado revelado na narrativa da protagonista, com base nas teorias de Bachelard, Bhabha, Cassirer, Hall, Moresco e Ribeiro, Said, Pesavento e Espig.

ABSTRACT: This article analyzes the short story “Fragilidade”, by Jane Tutikian, to understand how the narratives stabilized in this text contribute to the social dislocation of characters. This study proposes relation among memory, identity and imaginary and the past revealed in protagonist’s narrative based on theories of authors such as Bachelard, Bhabha, Cassirer, Hall, Moresco and Ribeiro, Said, Pesavento and Espig.

PALAVRAS-CHAVE: Deslocamento social; Estabilidade; Fragilidade; Narrativas; Tutikian.

¹ Mestra em Letras pela Universidade Feevale (2020). Possui graduação em Letras: Português e Inglês pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2017) e especialização em Gestão Escolar pelo Centro Universitário Barão de Mauá (2018). Doutoranda em Diversidade Cultural e Inclusão Social Feevale.

² Possui graduação em Letras - Português/Alemão, pela Unisinos (1994), e em Pedagogia, pelo Centro Universitário Ítalo-Brasileiro (2021). É mestre em Letras, ênfase em Leitura e Cognição, pela UNISC (2008), e doutora em Letras, ênfase em Leitura e Linguagens, pela UCS/Uniritter (2015). É professora na Universidade Feevale, onde já foi coordenadora do curso de Letras e diretora pedagógica da Escola de Educação Básica Feevale - Escola de Aplicação.

³ Graduada em Letras - Português/Alemão (1993) pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e em Pedagogia (2021) pelo Centro Universitário Ítalo-Brasileiro. Mestre em Ciências da Comunicação, área de concentração Semiótica (1999), pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos e Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2013).

KEYWORDS: Social dislocation; Stability; Fragility; Narratives; Tutikian.

1. Introdução

O ser humano, desde o seu nascimento, busca estabilidade no mundo em que vive. Com a intenção de formar-se como um sujeito social, o ser se instala em um lugar confortável, um lugar que o faz pertencer àquele mundo, um lugar de significação, que possibilita sua narração enquanto pessoa. Stuart Hall (2006), ao escrever sobre as identidades, afirma: “A identidade, então, costura [...] o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis” (p. 11-12). Dessa maneira, a formação da identidade está atrelada à busca por estabilidade.

Ao conceituar o sujeito pós-moderno, Hall (2006) comenta que sua identidade não é fixa, nem essencial ou permanente e que há uma mudança estrutural nas sociedades modernas que está transformando as identidades pessoais. Além disso, para o autor, a identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade. “O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o ‘eu real’, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem.” (HALL, 2006, p. 11).

Nesse sentido, é preciso considerar que atos enunciativos circundam as pessoas o tempo todo e que discursos enraizados fomentam narrativas estabilizadas. Discursos violentos explícitos na enunciação calam o outro. Nesse viés, este trabalho, por meio da análise do conto “Fragilidade”, de Jane Tutikian, pretende compreender de que modo o deslocamento social das personagens é construído pelas narrativas estabilizadas presentes no texto.



Jane Tutikian é brasileira, gaúcha, professora e autora de contos, ensaios, novelas e literatura infanto-juvenil. Atualmente, é professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), local em que já atuou como diretora do Instituto de Letras, Vice-Reitora e Pró-Reitora de Coordenação Acadêmica. Também é membro da Academia Rio-Grandense de Letras. Publicou o conto “Fragilidade” em 2003, sendo parte integrante do livro *35 melhores contos do Rio Grande do Sul*, organizado por Maria da Glória Bordini. Tutikian recebeu alguns prêmios literários e tem várias obras publicadas, em que se destaca o livro infantil *A casa feliz*, publicado em 2015.

O conto “Fragilidade” aborda a história de uma personagem feminina que narra, em primeira pessoa, no tempo presente, um fato do passado marcado na memória. De dentro de seu aquário, um lugar de significação para a protagonista, ela conta sobre a comunidade em que vivia na infância e um marco principal é a chegada de um garoto, morador de rua, para aquele lugar. O menino, sem nome, não sabia falar, deficiência que incomodava a narradora. Sem ter o que comer e mal o que vestir, o garoto recebe ajuda de vários moradores do beco. No entanto, quem mais se aproxima dele é a narradora. Sensibilizada com a situação, ela lhe dá um nome, Charles, e busca auxiliá-lo. Quando Charles aparece com sinais de que fora roubado, a marginalidade e a situação precária em que eles viviam vem à tona, e a menina pouco pode fazer para ajudá-lo. Desestabilizado, Charles vai embora e a protagonista volta para o seu lar, seu espaço de conforto.

Nessa perspectiva, esta análise, inicialmente, relaciona os conceitos de memória, imaginário e identidade com a reconstrução do passado da narradora-personagem. Depois, aborda a fragilidade como um elemento presente e marcante para a história e para as personagens. Ainda, se estabelece uma

investigação sobre quem é Charles, buscando compreender o seu deslocamento na esfera social. Por fim, as narrativas de estabilidade são identificadas no conto, reconhecendo o lugar de significação das personagens.

2. Memória, imaginário e identidade: a reconstrução do passado

Em seu conto “Fragilidade”, Jane Tutikian aposta na identidade, na memória e no imaginário para a reconstrução de um passado vivenciado pela personagem principal da história, também narradora do texto. Sem saber seu nome, o leitor deixa-se envolver com sua narrativa, desenvolvendo em sua mente uma significação de imagens estabilizadas pela memória da personagem.

Considerando o contexto da narrativa, conforme Hall (2006), o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos. Assim, percebe-se que o olhar da narradora-personagem do presente para o passado evidencia a existência de mais de uma identidade. Adulta, ela assume uma nova identidade para revelar uma história marcante do passado. Ainda de acordo com o autor,

Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora ‘narrativa do eu’. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2004, p. 13).



Para Bauman (2001), a identidade é uma obra de arte que queremos moldar a partir do estofado quebradiço da vida, somos livres para fazer e desfazer identidades à vontade. O autor utiliza uma metáfora para exemplificar sua teoria, quando afirma que as identidades “[...] são mais parecidas com crostas que vez por outra endurecem sobre a lava vulcânica e que se fundem e dissolvem novamente antes de ter tempo de esfriar e fixar-se.” (BAUMAN, 2001, p. 80). Nesse sentido, a identidade não é permanente e as memórias da narradora, expressas por meio de palavras, contribuem para dissolver a “crosta” de uma identidade anterior ao momento presente.

Cassirer (1975), ao escrever *A Palavra mágica*, afirma que é a linguagem que torna possível a permanência e a vida do homem na comunidade, as palavras dão ao homem poder para dominar o mundo. É através das palavras, inseridas em enunciados, que o eu se determina e se afirma como sujeito na relação com um tu. “De fato, a palavra, a linguagem, é que realmente desvenda ao homem aquele mundo que está mais próximo dele que o próprio ser físico dos objetos e que afeta mais diretamente sua felicidade ou sua desgraça.” (CASSIRER, 1975, p. 78). Assim, é a palavra que carrega a memória e que permite o imaginário e “[...] toda a identidade é gerada e constituída no ato de ser narrada como uma história, no processo prático de ser contada para os outros.” (MORESCO e RIBEIRO, 2015, p. 168).

Ainda nesse sentido, Hall destaca que:

A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é ‘preenchida’ a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros (2006, p. 39).

Assim, na narrativa, em um mundo à parte, a formação da identidade da personagem está atrelada à uma experiência marcante de sua infância. Os acontecimentos exteriores que envolvem a personagem preenchem seu eu interior.

O início é determinado pelo tempo presente em que a história passa a ser reconstruída através de lembranças do passado: “De dentro do meu aquário, protegida do mundo, o vento que lá fora faz dançar as folhagens desenterra os meus mortos e me renasce, criança, aos doze anos.” (TUTIKIAN, 2003, p. 61). Nesse sentido, a palavra “aquário” revela que essa personagem se isola do mundo exterior, como se tentasse se proteger de tudo o que acontece ao seu redor, separando-se do externo por meio de um vidro, que a faz enxergar o passado novamente, se colocando como um sujeito na busca de estabilidade, que está construindo seu eu interior. O “aquário” lembra a pureza da água que está dentro, como se a personagem estivesse em um estado de serenidade e calma em relação à sua vida no presente. O “desenterro dos mortos” denota a volta de seus familiares e amigos que já se foram, na reconstrução dessa história. A palavra “renasce” explicita esse olhar maduro para o passado, destacando a constituição do sujeito por identidades não fixas.

Dessa maneira, a volta ao passado põe em evidência a necessidade de dar um novo sentido aos momentos que estavam guardados na memória da personagem. Bhabha (2011) explica que voltar ao passado é reativá-lo, recolocá-lo e ressignificá-lo. Essa retroação “[...] submete o nosso entendimento do passado, a nossa interpretação do futuro, a uma ética da ‘sobrevivência’, que nos permite *trabalhar através do presente.*” (BHABHA, 2011, p. 94, *grifos das autoras*).



Inserida em um contexto de marginalização, a narradora expressa sua identidade diante da comunidade em que se insere. Conforme Pesavento (1999), a identidade é uma representação do real que cria uma comunidade simbólica de sentido, oportunizando a sensação de pertencimento e construindo a noção de alteridade. Assim, a narradora se vê representada naquela comunidade e a ativação de momentos em sua memória é o que permite essa noção de pertencimento.

Claro, algumas vezes sentíamos vergonha da nossa pobreza, porque algumas vezes se sente vergonha de não ter mais, mas no mais das vezes costumávamos dividir nossa miséria, transformando-a senão em fartura, pelo menos em variedade [...] (TUTIKIAN, 2003, p. 61).

Diante dessa afirmação de identidade da protagonista, entende-se que ela já é construída na infância e perpassa a fase adulta. Nesse contexto, a personagem revela sua identidade por meio das lembranças do passado situadas em um lugar de pertencimento. Assim, é a identidade que:

“[...] situa o indivíduo em um grupo social (no qual o sujeito assemelha e/ou se identifica) e o distingue dos demais grupos (no qual o sujeito é diferente ou não possui determinada característica)” (MORESCO e RIBEIRO, 2015, p. 173).

Além disso, o espaço é portador de um significado temporal e histórico. Leva o leitor a se inserir dentro da história e a imaginar aquela comunidade por meio das memórias da personagem “[...] uma rua estreita - as casas coladas, sem cor e sem número - ilhada entre prédios luxuosos que cresciam dia a dia, embalada pelo

movimento de carros e ônibus e bondes e carroças e que passavam lá fora, desencorajados de cruzá-la.” (TUTIKIAN, 2003, p. 61).

É nesse jogo entre o passado e o presente que se estabelece uma relação de proximidade e distância fascinante, pois penetra nos significados produzidos no passado, acessa determinados códigos que no presente se revelam incompreensíveis, e procura compreender o porquê de certas atitudes ainda fazerem sentido hoje (PESAVENTO, 1999). Assim, o conto “Fragilidade” tende a propor uma reconstrução do passado a partir do tempo presente em que se encontra a protagonista.

3. Fragilidade: o sentido da palavra no texto

O termo “fragilidade”, empregado no título do conto, faz-nos lembrar de objetos com pouca resistência ao manuseio, que podem ser sensíveis a quedas, à água ou à umidade, por exemplo. Quando se trata do ser humano, o termo implica em aspectos emocionais ou físicos da pessoa.

No conto, a palavra ganha significação ao remeter a diversos tipos humanos frágeis em relação ao mundo em que vivem. Em um primeiro momento, temos a personagem principal que penetra em suas memórias na reconstrução do passado e se vê inserida em uma comunidade carente, mas de valor significativo: “Para uns, ela não passava de um beco. Para outros, como os vendedores, ela simplesmente não significava. Mas para nós era muito ou quase tudo” (TUTIKIAN, 2003, p. 61) e “E nós brincávamos alheios a qualquer preocupação. Éramos felizes, a nosso modo, mas felizes” (TUTIKIAN, 2003, p. 62).

Em um segundo momento, a condição de fragilidade toma conta da narrativa ao apresentar um garoto de rua com deficiência auditiva:



Moço, quase um guri, cabelos crespos e gordurosos, moreno, cor de cuia, ele era bonito e não podia falar. Aquilo me espantava, não poder falar era muito mais do que eu podia aceitar, para mim era como estar morto sem estar [...] (TUTIKIAN, 2003, p. 63).

Essa vulnerabilidade é aparente quando Charles, nome dado ao garoto pela narradora-personagem, recebe ajuda de algumas pessoas da comunidade, através da doação de alimento, roupas e sapatos, e reage com desespero:

Ele pegou a comida, levou até bem perto dos olhos, cheirou, lambeu, cheirou novamente e se pôs a comer, desesperadamente, comer e a tremer cada vez mais como se estourar fosse o modo de conservar aquele momento para sempre. (TUTIKIAN, 2003, p. 63).

Ainda, o fato de o garoto apresentar uma deficiência auditiva mostra a sua debilidade em relação ao que precisa enfrentar na vida. Sem poder se expressar, ele vaga pelas ruas, em uma marginalidade que carece de ajuda. “Logo as mães começaram a se aproximar. Algumas tentaram também o diálogo, mas, muito antes que eu, descobriram que ele era mudo, o que me penalizou.” (TUTIKIAN, 2003, p. 63).

A fragilidade da personagem principal volta à tona no final da história, quando seu amigo vai embora e ela reflete sobre o lugar do ser humano no mundo. “Na mesma esquina em que Charles sumiu eu vi surgir a vida.” (TUTIKIAN, 2003, p. 65). Sem poder fazer mais para ajudar Charles, ela deixa-o ir e volta para a sua casa, no seu mundo frágil. De acordo com Bachelard (2007), a casa é o nosso canto no mundo. Assim, ao retornar para casa, a garota revela a sua fragilidade perante a sociedade, pois é lá o seu lugar de conforto.

4. Quem é Charles?- o deslocamento do ser na esfera social

A sociedade, analisada sob um viés sócio-histórico-cultural, demonstra divisões nítidas entre as classes sociais. Edward Said (2000), ao escrever sobre as *Representações do Intelectual*, explica que há, por um lado, pessoas que pertencem à sociedade tal como ela é, que nela florescem sem um sentimento esmagador de dissonância ou dissidência, os que são chamados de consonantes. Por outro lado, há os chamados dissonantes, indivíduos em conflito com a sua sociedade, não-acomodados e exilados no que diz respeito aos privilégios, ao poder e às honras.

Nessa perspectiva, surge na narração da protagonista uma personagem exilada, estabilizada em um sentimento esmagador de dissonância: um garoto de rua, sem nome, sem família, sem amparo, sem comida, desestabilizado na sociedade em que vive. “Numa daquelas tardes de pouco sol e de muito frio ele apareceu. De repente estava lá, sentado no cordão da calçada encolhido no seu pouco agasalho.” (TUTIKIAN, 2003, p. 62).

O garoto assume um desassossego na medida em que está fora do mundo familiar. A postura de exílio perante a sociedade se manifesta quando a personagem se sente desinstalada e ao desinstalar os outros. (SAID, 2000). É por essa condição de exilado que a personagem vai embora daquela comunidade no final da história, pois se sente incomodado com a situação de deslocamento social. “Charles cheirou profundamente o café depois bebeu. Embrulhou o pão num jornal, levantou, encostou a porta e foi saindo, devagarinho, foi saindo, embora.” (TUTIKIAN, 2003, p. 65).



Dessa maneira, a preocupação da protagonista com o garoto se revela nessa condição de marginalidade, isto é, por pertencerem a uma mesma condição, ela se aproxima dele e se sensibiliza com a sua situação: “[...] houve quem, como eu, ficasse parado e depois fosse se aproximando, lentamente, se aproximando com mil perguntas. E ele ali, petrificado, distante de qualquer movimento ou emoção, apenas tremendo e tremendo muito.” (TUTIKIAN, 2003, p. 62).

Assim, essa situação de marginalidade em que Charles se encontra contribui para o seu distanciamento no mundo. Conforme Said:

A condição de marginalidade, que pode parecer irresponsável e irreverente, liberta-nos da obrigação de proceder sempre com cautela, com medo de virar tudo do avesso, preocupados em não perturbar os companheiros, membros da mesma corporação (SAID, 2000, p. 62).

Além disso, a condição em que se instalam as personagens tem relação com a formação da sua identidade. Moresco e Ribeiro (2015), ao citarem Woodward (2014), refletem sobre a construção da identidade como simbólica e social, isto é, em uma construção simbólica as práticas e relações sociais ganham sentido, e define-se quem são os excluídos e os incluídos:

Se um grupo é simbolicamente marcado como tabu ou como ‘socialmente inaceitável’ gerará efeitos não apenas simbólicos, mas materiais e sociais, uma vez que esse grupo será socialmente excluído sofrerá, também, desvantagens materiais. (MORESCO e RIBEIRO, 2015, p. 173).

A marginalidade e esse deslocamento na esfera social são perceptíveis também quando a protagonista desconhece o nome do garoto. “Fui a primeira a

falar, perguntei o nome? a idade? e onde morava? [...]” (TUTIKIAN, 2003, p. 62) e “Ele não disse nada, continuou petrificado, movimentando apenas os olhos. Perguntei de novo e uma última vez, ainda, mas ele continuou inerte.” (TUTIKIAN, 2003, p. 63).

De acordo com Cassirer (1975), o nome é o que torna o homem um indivíduo, é parte integrante da pessoa. “O nome não é nunca um mero símbolo, sendo parte da personalidade de seu portador; é uma propriedade que deve ser resguardada com maior cuidado e cujo uso exclusivo deve ser ciosamente reservado.” (CASSIRER, 1975, p. 68). Nessa perspectiva, levando em consideração que o garoto não falava, a protagonista sentiu a necessidade de dar-lhe um nome e associou a um sentimento que criará por ele:

Lá, mais trabalho: encontrei Charles – esse foi o nome que escolhi para ele, não sei, até hoje, se gostaria de ser chamado assim, mas era o nome que atendia aos meus primeiros apelos românticos [...]. (TUTIKIAN, 2003, p. 64).

Sendo assim, a situação da personagem Charles abordada nesse conto demonstra sua instabilidade perante a sociedade em que vive. Sem conseguir enunciar-se, sem ter um espaço de fala, ele é narrado pelo outro, alvo de um discurso violento, que o cala e não lhe permite uma atitude responsiva.

5. As narrativas de estabilidade: um lugar de significação

A narrativa está presente em todas as sociedades, em todos os tempos e lugares, começando com a própria história da humanidade; tudo o que se conta é narrativo; da conversa com os amigos ao filme que se vê, da receita de cozinha ao diário. Os estudos da narrativa, conforme Volmer (2015) começaram a partir da



Poética, de Aristóteles, escrita em torno de 335 a.C., e considerada uma dentre as formas (*schemata*) de linguagem⁴.

A habilidade de narrar, sendo específica do ser humano e sua inteligência, é parte integrante da sua competência linguística e simbólica. De acordo com Barthes *et al.* (1971, p. 18),

[...] não há em parte alguma povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm suas narrativas, e freqüentemente (sic) estas narrativas são apreciadas em comum por homens de cultura diferente, e mesmo oposta; a narrativa ridiculariza a boa e a má literatura; internacional, trans-histórica, transcultural; a narrativa está aí, como a vida.

Estamos, pois, imersos em estruturas narrativas, em que, destacamos, encontramos as formas linguísticas e discursivas com as quais construímos e expressamos nossa subjetividade. Desse jogo linguístico, sempre participam também os ouvintes/leitores - a construção de uma narrativa precisa de sua cooperação, e, como não há narrativa sem narrador e sem ouvinte/leitor, a narrativa verbal é construída dialogicamente, em um discurso.

Nas narrativas literárias, o mundo concebido é apenas um mundo possível, de um lado, diferenciando-se daqueles mundos de cujo material foi feito e, de outro, oferece uma marcação para uma realidade a ser imaginada, o que, para Iser (1999), pode ser o motivo pelo qual os textos literários são resistentes ao tempo: “não porque representam valores eternos supostamente independentes do tempo, mas porque sua estrutura permite ao leitor continuamente colocar-se dentro do mundo ficcional.” (ISER, 1999, p. 41). A leitura desenvolve o texto como processo de realização, por isso o constitui como realidade.

⁴ As outras formas de linguagem são o imperativo, o requerimento, a pergunta e a resposta. (ARISTÓTELES, 1966).

Nesse viés, D’Onofrio (2007, p. 46) afirma que “[...] narrativa [é] todo discurso que nos apresenta uma história imaginária como se fosse real, constituída por uma pluralidade de personagens, cujos episódios de vida se entrelaçam num tempo e num espaço determinados.” Essas narrativas podem, pois, estar relacionadas com a *ficção*. De acordo com Proença Filho, a palavra *ficção*, “[...] significa invenção, fingimento, simulação, imaginação” (1986, p. 45). Pino (1970) também aponta que a *ficção* está presente no caráter fantasioso da Literatura, proporciona algo novo para o leitor, algo diferente daquilo que ele está acostumado a presenciar no dia a dia.

Nesse sentido, a narrativa é uma modalidade de texto, ficcional ou não, que se veicula em diferentes gêneros discursivos. No conto em análise, encontramos a narração de uma história ficcional repleta de narrativas em que o sujeito social, por meio da estabilidade, busca um lugar de conforto para narrar a si mesmo em uma condição de pertencimento.

Inicialmente, a protagonista se estabiliza dentro de um aquário. É para esse lugar de significação que ela desloca seu pensamento, reativa a memória, reconstrói o passado, narrando a si mesma e o outro. Em seguida, a narradora descreve o seu lugar de pertencimento: o beco em que vivia, uma rua estreita, com muitas casas sem cor e em meio a inúmeros prédios luxuosos.

De acordo com Pesavento (1999), a cidade é o lugar do homem, ela se presta à multiplicidade de olhares entrecruzados, que abordam o real na busca de significados. Nesse contexto, a casa é uma narrativa de estabilidade. Conforme Bachelard (1993, p. 36), “A casa é um corpo de imagens que dão ao homem razões ou ilusões de estabilidade”. Assim, é nela que se abriga o devaneio, que se protege o sonhador, e aquela que permite sonhar em paz. (BACHELARD, 1993). Por isso, ao



final da história, em busca de estabilidade, é para a sua casa que a protagonista retorna ao ver Charles se afastando e indo embora.

Então, compreende-se que a casa é o primeiro mundo do ser humano e, sem ela, o homem é um ser disperso (BACHELARD, 1993). Diante disso, percebe-se que Charles é um ser disperso, pois não possui um lar, não tem para onde ir, vive à margem da sociedade. Um fator que influencia sua desestabilidade no mundo é a falta de um lar.

De acordo com Espig (2004), os imaginários sociais proporcionam a um grupo a designação de uma identidade e de uma representação sobre si próprio, auxiliando na distribuição de papéis e funções sociais, bem como na expressão de crenças comuns e modelos. Esses imaginários sociais são veiculados por meio das narrativas.

No conto “Fragilidade”, percebemos o discurso religioso como parte desse imaginário coletivo. Quando a protagonista descobre a deficiência de Charles, ela afirma: “[...] e naquela noite foi a primeira vez que eu fiquei de mal com Deus.” (TUTIKIAN, 2003, p. 63). Depois, faz uma segunda menção: “[...] e só o meu contentamento conseguia diminuir um pouco a seriedade da briga que tive com Deus.” (TUTIKIAN, 2003, p. 63). Ainda, a religiosidade e a sua relação com o imaginário coletivo explicitam-se ao fazer-se alusão a um tipo de oração e a remissão dos pecados através dela: “O que se tinha e podia dar já se tinha dado no dia anterior. Além disso, não é preciso ser bom todos os dias porque uma Ave-Maria serve como penitência para mais do que um pecado.” (TUTIKIAN, 2003, p. 64).

Também faz parte do imaginário coletivo a condição de Charles ao ser comparado com um bicho quando recebe comida, isto é, por agir de forma

desesperada, o garoto tem atitude semelhante ao de um animal: “Depois, largou o prato lambido até o último resquício de comida e pegou as roupas. Levou até bem próximo dos olhos, cheirou, esfregou no rosto e sorriu com uns dentes brancos cravados naquela cor marrom que ele tinha.” (TUTIKIAN, 2003, p. 63).

Dessa forma, destaca-se também a busca por um lugar de pertencimento pela protagonista em uma narrativa sobre o lugar que a classe marginalizada tem na sociedade. “Eu fiquei parada tentando decifrar qual o lugar que caberia a Charles naquela escala de animais, qual seria o meu lugar e o de todos os outros.” (TUTIKIAN, 2003, p. 65).

Ademais, é preciso evidenciar as narrativas presentes no conto que estabelecem discursos violentos. Primeiramente, cabe ressaltar que o discurso violento é aquele que cala o outro, não permitindo a ele uma ação responsiva. Assim, na medida em que a protagonista narra Charles, e ele permite a sua própria narração pelo outro, se constrói um discurso violento que revela um sofrimento social.

Outro discurso desse tipo é perceptível no início da história na conversa entre as mães que moravam no beco: “As mães aproveitavam para falar dos planos que tinham para os filhos: neles sempre constava uma passagem pelo armazém de Seu Oliveira e pelo armarinho de Dona Kátia.” (TUTIKIAN, 2003, p. 62). Nesse contexto, as crianças daquela comunidade só tinham duas perspectivas de trabalho no futuro que lhe poderiam trazer benefícios maiores, o armazém ou o armarinho. No final, quando a protagonista volta para casa, ela reitera esse imaginário coletivo: “Eram duas opções: ou o armazém do Seu Oliveira ou o armarinho da Dona Kátia.” (TUTIKIAN, 2003, p. 65). Essas únicas possibilidades oferecidas às crianças são discursos violentos, pois as privam de fazer suas próprias escolhas e de narrar a si mesmas.



Diante dessa análise, percebe-se que essas narrativas fazem parte de um processo enunciativo que as estabiliza e dá significação e sentido, ou seja, a partir do ato da enunciação, os discursos enraizados nas narrativas são compreendidos e permitem ou não uma atitude responsiva.

6. Considerações finais

O conto analisado permite que o leitor saia do seu lugar de conforto e se desloque para dentro da história, imaginando as circunstâncias que são narradas. O texto permite fazer associações entre as narrativas presentes, considerando a memória, o imaginário e a identidade. Como o próprio título apresenta, o enredo traz uma condição de fragilidade aos personagens mediante um deslocamento social, atrelado à marginalidade.

A partir deste estudo, compreende-se que as narrativas estáveis estão presentes em muitos textos, bem como nos atos de enunciação no dia a dia. Essas narrativas contêm discursos que podem provocar uma atitude de refração, a fim de encontrar um lugar de conforto, de sentir-se parte do mundo. No entanto, é evidente, tanto na ficção como na vida real, que alguns discursos violentos impedem uma ação responsiva, em que o sujeito fica deslocado e não encontra um lugar de significação.

Assim, da mesma forma que a protagonista e Charles vivem em uma situação de marginalidade e deslocamento social, percebemos que a nossa sociedade se encaminha para diversos discursos violentos, através de narrativas, que não permitem a enunciação das minorias e impedem sua estabilidade enquanto seres humanos.

Referências bibliográfica

- ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução de Eudoro de Sousa. Porto Alegre: Globo, 1966.
- BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.
- BARTHES, Roland et al. *Análise estrutural da narrativa: pesquisas semiológicas*. Tradução de Maria Zilda Barbosa Pinto. Petrópolis: Vozes, 1971.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.
- BHABHA, Homi. O Entrelugar das Culturas. In: BHABHA, Homi. *O Bazar Global e o Clube dos Cavalheiros Ingleses*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- CASSIRER, Ernst. Palavra Mágica. In: CASSIRER, Ernest. *Linguagem e Mito*. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- D'ONOFRIO, Salvatore. *Forma e sentido do texto literário*. São Paulo: Ática, 2007.
- ESPIG, Márcia Janete. O conceito de imaginário: reflexões acerca de sua utilização pela História. *Textura*, v.9, 2004/2005.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- ISER, Wolfgang. A indeterminação e a resposta do leitor na prosa de ficção. Tradução de Maria Angela Aguiar. *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS – Série Traduções*, Porto Alegre, v. 3, n. 2, mar. 1999.
- MORESCO, Marcielly; RIBEIRO, Regiane. O conceito de identidade nos estudos culturais britânicos e latino-americanos: um resgate teórico. *Animus*, v.14, n.27, 2015. p. 168-183.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. A Pedra e o Sonho. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Imaginário da cidade: visões literárias do urbano*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.



PINO, Dino Del. *Introdução ao estudo da literatura*. Porto Alegre: Movimento, 1970.

PROENÇA FILHO, Domicio. *A linguagem literária*. São Paulo: Ática, 1986.

SAID, Edward W. Exílio Intelectual: Expatriados e Marginais. In: SAID, Edward W. *Representações do intelectual: as palestras de Reith de 1993*. Lisboa: Colibri, 2000.

TUTIKIAN, Jane. *A casa feliz*. 1. ed. Porto Alegre: Botão ED, 2015.

TUTIKIAN, Jane. *Biografia*. Disponível em: <http://janetutikian.com.br/?pg=4102>. Acesso em: 26 fev. 2023.

TUTIKIAN, Jane. Fragilidade. In: BORDINI, Maria da Glória (org.). *35 melhores contos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: IEL, 2003, p. 61-65.

VOLMER, Lovani. *Mostrar? Esconder? Seduzir? O papel do narrador em obras do PNBE 2010*. Caxias do Sul: 2015. Tese, Universidade de Caxias do Sul, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/handle/11338/967>. Acesso em: 18 jun. 2023.

Recebido em 26/02/2023

Aceito em 20/06/2023